

USO IRRACIONAL DOS ANTI-INFLAMATÓRIOS NÃO ESTEROIDAIIS NO MUNICÍPIO DE TIJUCAS DO SUL, PARANÁ, BRASIL.

IRRATIONAL USE OF NON-STEROIDAL ANTI-INFLAMMATORY DRUGS IN THE CITY OF TIJUCAS DO SUL, PARANÁ, BRAZIL

Sibely Aparecida Oliveira RANKEL¹, Marcelo del Olmo SATO², Ronise Martins SANTIAGO^{1*}

1- Centro Universitário Campos de Andrade, Rua Marumby, 283 Santa Quitéria, Curitiba, PR, Brasil

2- Faculdade Evangélica do Paraná, Rua Padre Anchieta, 2770, Bigorriho, Curitiba, PR, Brasil

* Autor para correspondência: ronise.santiago@gmail.com

RESUMO:

Os anti-inflamatórios não-esteroidais (AINEs), são amplamente utilizados para tratar a dor aguda e crônica pois possuem além das propriedades anti-inflamatória, as propriedades analgésica e antipirética, devido a inibição da síntese das prostaglandinas, através da inibição das enzimas Ciclo-oxigenase. A maioria desses medicamentos são de venda livre, facilitando seu acesso à população que os utilizam muitas vezes de maneira irracional, podendo trazer consequências à médio e longo prazo. Os AINEs causam reações adversas devido a sua toxicidade sobre vários sistemas, entre os efeitos mais importantes estão os danos gastrointestinais, que podem ir do desconforto abdominal até a erosão da mucosa, podendo levar ao sangramento e perfuração. Deste modo, o objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento sobre a utilização de anti-inflamatórios entre habitantes do município de Tijucas do Sul, região metropolitana de Curitiba. A população estudada foi composta por indivíduos, com idade acima de 18 anos, que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa. Estes responderam um questionário sobre o tema estudado. Analisando os dados foi possível identificar que 75% usam raramente o anti-inflamatório sendo que 14% usam diariamente. A maior utilização de anti-inflamatórios está nas dores musculares com 29% e dor de cabeça 27%. Em relação as reações adversas 59% relataram sentir dores de estômago e 49% dos entrevistados usam por conta própria. Podemos concluir que estes medicamentos são utilizados de forma irracional e são responsáveis por desconforto gástrico na maioria dos usuários. **Palavras-chave:** Anti-inflamatórios não-esteroidais; automedicação; uso irracional, reação adversa.

ABSTRACT:

Non-steroidal anti-inflammatory drugs (NSAIDs) are widely used to treat acute and chronic pain because they have anti-inflammatory properties, analgesic and antipyretic properties, due to the inhibition of prostaglandin synthesis through the inhibition of the enzymes Cyclooxygenase. Most of these medicines are over-the-counter, making it easy for them to access the population who often use them irrationally, and can have medium- and long-term consequences. NSAIDs cause adverse reactions due to their toxicity on several systems. Among the most important effects are gastrointestinal damage, which can range from abdominal discomfort to mucosal erosion, leading to bleeding and perforation. Survey on the use of anti-inflammatories among inhabitants of the municipality of Tijucas do Sul,

metropolitan region of Curitiba. The study population consisted of individuals, aged over 18 years, who agreed to voluntarily participate in the research. They answered a questionnaire on the subject studied. Analyzing the data it was possible to identify that 75% rarely use the anti-inflammatory being and that 14% use daily. The largest use of anti-inflammatory drugs is in muscle pain with 29% and headache 27%. Regarding the adverse reactions 59% reported experiencing stomach pains and 49% of the respondents use on their own. We can conclude that these drugs are used in an irrational way and are responsible for gastric discomfort in most users.

Keywords: non-steroidal anti-inflammatory; self-medication; gastrointestinal effect.

1. INTRODUÇÃO

Um fenômeno discutido, principalmente por profissionais da área de saúde é a automedicação. Esta é definida como uso de medicamentos sem prescrição médica, onde o mesmo ocorre pela decisão do próprio paciente, pela indicação do vizinho, amigo ou familiar que já fez uso da mesma medicação ou até mesmo por receitas antigas (ARRAIS et al., 1997). Segundo Rodrigues e Silva (2014) o que contribui para essa prática é o elevado custo da consulta médica e o fácil acesso a medicamentos nas farmácias, além das propagandas que incentivam o uso irracional dos medicamentos.

A prática da automedicação faz com que a população seja exposta a sérios riscos relacionados à segurança quanto ao uso racional dos medicamentos, podendo muitas vezes mascarar uma doença, agravar seu quadro ou trazer novos problemas pelos seus efeitos adversos. Estima-se que no mundo mais de 30 milhões de pessoas utilizem diariamente os anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs), sendo, em alguns países, a classe medicamentosa mais consumida sem receita médica, apesar de sua toxicidade e de seus efeitos adversos, principalmente os gastrointestinais (LUZ et al., 2006).

Os AINEs são amplamente utilizados no tratamento da dor aguda e crônica decorrente do processo inflamatório. Suas propriedades antiinflamatórias, analgésica e antipirética são devido a inibição da síntese das prostaglandinas (PG), inibindo as enzimas ciclo-oxigenase 1 (COX-1) e ciclo-oxigenase 2 (COX- 2). A COX-1 encontrada em vários tecidos, sendo uma enzima capaz de promover a função de homeostasia. Já a COX-2 é uma enzima induzida na inflamação, tendo influência nos eventos vasculares. Tais enzimas estão envolvidas diretamente na produção de prostaglandinas, as quais exercem papel importante na manutenção de órgãos e tecidos (MENDONÇA, PARTALA e SILVA, 2014).

Os AINEs causam reações adversas devido a sua toxicidade sobre vários sistemas, entre os efeitos mais importantes estão os danos gastrointestinais, que podem ir do desconforto abdominal até a erosão da mucosa, podendo levar ao sangramento e

perfuração. Podem ainda induzir ou agravar a hipertensão arterial, provocar insuficiência renal, síndrome nefrótica, necrose papilar e outras formas de doença renal (LUZ et al., 2006).

A presente pesquisa buscou realizar um levantamento sobre a utilização de anti-inflamatórios entre habitantes do município de Tijucas do Sul, região metropolitana de Curitiba, assim podendo contribuir para evidenciar qual a conduta do público relacionado ao uso indiscriminado de medicamentos, buscando conhecer o perfil de automedicação da população.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Tratou-se de uma pesquisa descritiva e explicativa, de natureza aplicada, com abordagem quantitativa e qualitativa, sendo um estudo transversal e prospectivo com amostragem não probabilística de conveniência e a esmo. A população estudada foi composta por indivíduos, com idade acima de 18 anos, independente do sexo e raça, que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa. Estes responderam um questionário sobre o tema estudado, contendo perguntas sobre a idade; sexo; nível de escolaridade; se há ou não a utilização de AINEs e por quais motivos; se há ou não a apresentação de reações adversas (principalmente gastrointestinais) e se estes medicamentos estão sendo utilizados sem acompanhamento médico e/ou farmacêutico. O voluntário que aceitou participar da pesquisa assinou o termo de consentimento livre e esclarecido.

A coleta de dados foi realizada com os moradores do Bairro Jardim Bosque da Saúde localizado no município de Tijucas do Sul pertencente ao estado do Paraná, Brasil. Os resultados foram contabilizados em gráficos pelo programa Microsoft Excel. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Uniandrade sob o número de protocolo 1.711.294.

3. RESULTADOS

Foram analisados um total de 100 questionários. Destes 75 eram mulheres e 25 homens. A idade predominante entre 36 a 45 anos. Em relação a escolaridade a maioria tinha ensino médio completo.

Analisando os dados coletados foi possível identificar que 75% dos entrevistados raramente utilizam AINEs, 14% usam diariamente e 11% não fazem uso

A maior utilização do medicamento foi para o tratamento de dores musculares (29%) seguido por dor de cabeça (27%), de garganta 9%, na coluna 8%, de dente 1 % e outras dores com 2%. Em adição 24% marcaram 2 motivos simultaneamente (FIGURA 1).

Em relação a média de comprimidos utilizados, observou-se que 49% dos entrevistados tomam 1 comprimido por dia; 37% 2 comprimidos; 2% 3 comprimidos ao dia; 2% 4 comprimidos; 5% utilizam 5 comprimidos e 5% totalizam 6 ou mais comprimidos.

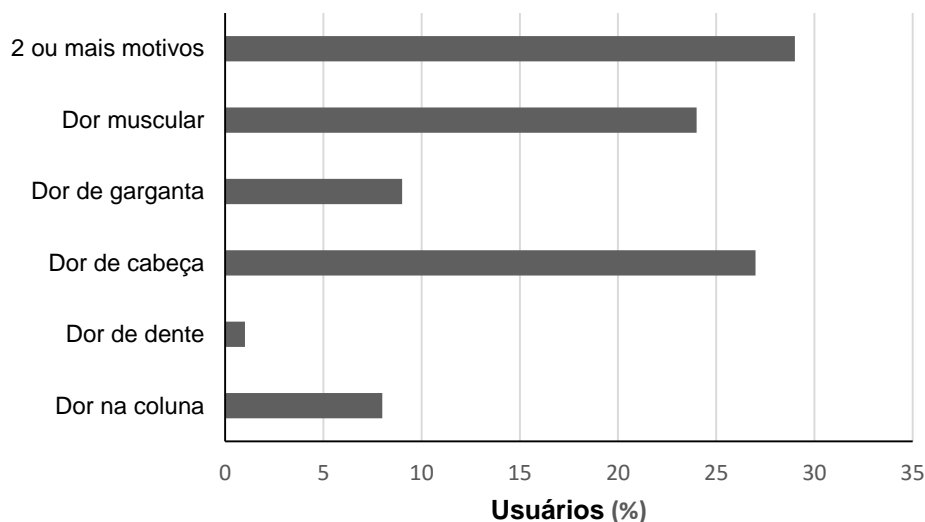


FIGURA 1: Motivo que leva os entrevistados a utilizar os AINEs

Na FIGURA 2 estão representadas as reações adversas relatadas devido ao uso do medicamento: 59% relataram ter dores de estômago; 14% dores de cabeça; 14% náuseas/vômitos; 9% 2 ou mais sintomas dos já citados e 4% outros ou não sentiram reações.

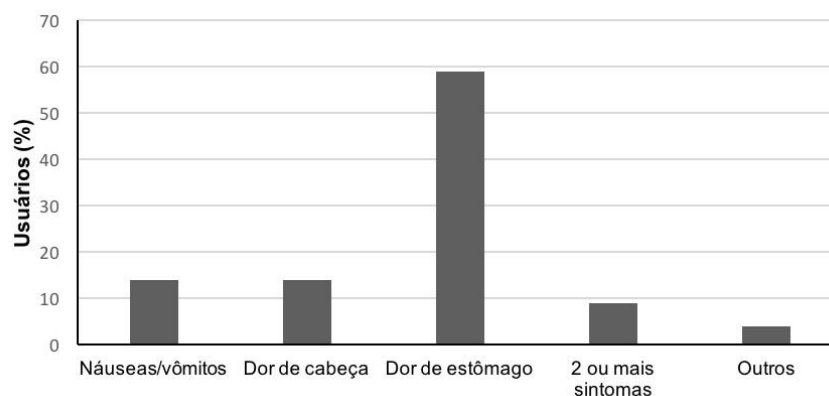


FIGURA 2: Reações adversas relatadas pelos entrevistados devido ao uso de AINEs

Em relação a procura do profissional da saúde para utilização do AINE, apenas 16% relataram procurar o farmacêutico; 35% consulta médica e 49% faziam uso por conta própria. Sobre o conhecimento dos efeitos que o uso abusivo dessa medicação pode causar, 60% relataram que tinham conhecimento e 40% não.

Devido a gravidade das reações adversas que estes medicamentos podem causar 81% das pessoas concordam que esses medicamentos deveriam ser liberados apenas com receita médica e 19% discordam por terem que consultar cada vez que precisar de um AINE.

4. DISCUSSÃO

O controle da dor e febre, associadas ou não a inflamação, tem sido uma preocupação desde o início da origem humana. Em 1827, Lerouxen isolou a salicina, que deu início as primeiras pesquisas sobre AINEs (MENDONÇA, PARTALA e SILVA, 2014). Esses fármacos proporcionam alívio dos sintomas da dor e edema como ocorre na osteoartrite e na artrite reumatoide, além de afecções inflamatórias mais agudas. Também são úteis no tratamento de dores pós-operatória, odontológicas, menstruais, para alívio de cefaleias e enxaquecas e dores menores (RANG e DALE, 2011).

De acordo com Lourenço e Silva (2014), cerca de 40% da população faz uso de analgésicos e AINES aleatoriamente. Em nosso estudo constatamos que 75% dos entrevistados utilizam AINES raramente, 14% diariamente, enquanto que apenas 11% não utilizam essa classe medicamentosa. Estes resultados ocorrem provavelmente devido ao fato, desses medicamentos serem de venda livre e comercializados em diferentes formulações, o que facilita o seu acesso à população em geral (RANG e DALE, 2011). Fato também considerado na revisão bibliográfica de Pinheiro e Wannmacher (2010), onde descreveram que a automedicação por AINEs, está se tornando comum, devido à facilidade em conseguir esses fármacos, sendo desconsideradas as restrições de indicação e de efeitos adversos, o que justifica apenas 11% dos entrevistados não utilizarem esses medicamentos.

A presente pesquisa também identificou que 29% dos entrevistados utilizam AINEs para dores musculares. Dume acordo com um estudo realizado por José (2014), essa classe se mostrou eficaz no tratamento da dor musculoesquelética, onde 858 indivíduos fizeram uso dessa classe medicamentosa, sendo que 462 (54%), obtiveram bons resultados de eficácia. Estudos mais recentes, como de Correa e colaboradores (2013),

identificou que nas últimas três décadas, essa classe passou a ser usada como profilática para aumentar o desempenho de atletas em treino de força. Entretanto, este mesmo estudo demonstrou que não foram verificadas diferenças de desempenho no treino de força com o uso de placebo ou AINEs, e reforçou a preocupação para o uso de maneira irracional dessa classe medicamentosa, que também justificaria a procura por esses fármacos terem aumentado para uso em dores musculares.

A segunda maior razão da procura por AINEs, foi devido à dores de cabeça (27%). De acordo com um estudo realizado por Luz e colaboradores (2006) para a população em geral os AINEs apresentam um efeito analgésico satisfatório, o que faz, com que a procura por esses fármacos aumente. Ainda, de acordo com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), existe uma grande evidência de fármacos utilizados de maneira errônea para dores de cabeça, poderia mascarar um problema maior, em casos de pacientes que se automediquem, pois em alguns casos, a dor é devido à pressão arterial elevada, ou outros fatores, que necessitariam de acompanhamento médico (BRASIL, 2007).

Dos demais motivos que levaram ao uso de AINES, 9% foi para dor de garganta, 8% dor na coluna, 1% dor de dente e 2% outras dores. Em adição 24% marcaram 2 motivos simultaneamente, o que difere do resultado de Luz e colaboradores (2006), pois em seu estudo, as maiores prevalências de uso de AINE foram observadas na presença de dor no pescoço ou nos ombros, e dores nas costas ou na coluna.

Observou-se que a média de comprimidos utilizados, foi de 1 comprimido por dia para a maioria dos entrevistados (49%), o que é semelhante ao estudo de Lourenço e Silva (2014), que observou que 59% dos pacientes utilizavam um medicamento por dia, durante um período menor que uma semana, enquanto ainda observavam sintomas.

O uso indiscriminado de medicamentos pode ocasionar maiores resultados indesejáveis do que benéficos. Nesse contexto o indivíduo pode apresentar alergia a determinados ingredientes da formulação medicamentosa e, em consequência, desenvolver intoxicação, que pode agravar ainda mais o quadro de saúde do paciente e trazer outras patologias, sem ter tratado do sintoma inicial (MENDONÇA, PARTALA e SILVA, 2014). A reação adversa mais comum dos AINEs é a gastrointestinal, resultado principalmente da inibição da COX-1, enzima responsável pela síntese das Prostaglandinas (PGs) que inibem a secreção de ácido gástrico e protegem a mucosa (RANG e DALE, 2011), em nosso estudo 59% dos entrevistados relataram dores estomacais como efeito adverso observado.

Estudos apontam que aproximadamente 20% de pacientes que utilizam tratamento com AINEs não toleram o tratamento devido a dor abdominal, azia e diarreia (BATLOUNI, 2010). Um estudo feito por Chahade, Giorgi e Szajubok (2008) apontou que os AINEs convencionais podem causar algum tipo de reação adversa gastrointestinal, podendo variar desde uma dispepsia, até sangramentos de estômago e duodeno, podendo ainda causar dano tecidual, no caso das úlceras, se utilizados por longo tempo. Segundo Batlouni (2010), com o uso crônico ou irracional dessa classe de medicamentos podem ocorrer o desenvolvimento de complicações graves, podendo causar aproximadamente de 1% a 4% de danos no tratamento.

Em contrapartida, Balbino (2011) afirma que nem todas as reações adversas causadas por medicamentos são ruins e em uma entrevista dada para o Conselho Federal de Farmácia (CFF), citou como exemplo um recente trabalho do Centro de Patogênese Molecular da Faculdade de Farmácia de Lisboa, constatado que os AINEs ibuprofeno e ácido acetilsalicílico conseguem induzir diretamente, *in vitro*, a morte de *Mycobacterium smegmatis* e *Mycobacterium tuberculosis* (CFF, 2011).

Relacionado a busca por profissionais habilitados para a prescrição de medicamentos, apenas 16% relataram procurar o farmacêutico, 35% consulta médica e 49% por conta própria. O estudo feito por Lourenço e Silva 2014, demonstrou que, o profissional farmacêutico foi o menos procurado, em concordância com os resultados obtidos nessa pesquisa, o que demonstra, que a população ainda não reconhece o farmacêutico como um profissional da saúde apto a ajudá-lo com seus medicamentos.

Ainda, identificou-se que mais de metade dos entrevistados (60%), desconhecia os efeitos adversos que essa classe medicamentosa pode causar, resultados próximos ao estudo de Lourenço e Silva, que identificaram que 53% dos envolvidos em sua pesquisa achavam que estavam ilesos e sem correr nenhum risco ao tomar esses medicamentos.

Em contra partida, observamos que 81% dos entrevistados concordam que AINEs deveriam ser vendidos com receita médica, após conhecer os seus riscos se usados indevidamente, enquanto 19% são contra pois o elevado custo da consulta médica, o medo do agravamento dos sintomas sentidos, e o acesso rápido as informações sobre medicamentos na Internet, fazem com que as pessoas optem pelo uso irracional de AINEs, e se estes fossem vendidos apenas com apresentação de receita, a compra do medicamento seria dificultada (MENDONÇA, PARTATA e SILVA, 2014; RODRIGUES e SILVA, 2014). Quando um indivíduo utiliza um medicamento por iniciativa própria ou recomendada por um amigo ou familiar, que muitas vezes já utilizou a mesma medicação,

o mesmo desconhece os mecanismos de ação do medicamento e conseqüentemente seus riscos (JACOBOWSKI et al., 2011). Deste modo, se faz necessário uma dispensação adequada destes medicamentos, descrevendo para o paciente seus efeitos adversos e podendo avaliar as questões de risco benefício quanto ao tratamento, visando sempre o uso racional dos medicamentos.

5. CONCLUSÃO

Por fim, demonstramos que estes medicamentos são utilizados de forma irracional e são responsáveis por reações adversas como por exemplo o desconforto gástrico na maioria dos usuários. Em adição uma parcela dos usuários desconhece os efeitos que o AINE pode desencadear pelo uso inadequado, demonstrando que a automedicação e o uso irracional são uma prática presente entre a população. Conclui-se ainda que o farmacêutico é pouco procurado na hora da escolha do medicamento. Por fim, os dados do trabalho sugerem que a dispensação dos AINEs não está sendo feita de maneira correta, ou seja, com informação ao paciente sobre o medicamento como o seu uso correto e possíveis reações adversas.

6. REFERÊNCIAS

ARRAIS, P. S.D.; COELHO, H. L. L; BATISTA, M. C. D. S.; CARVALHO, M. L.; RIGHI, R. E.; ARNAU, J. M. Perfil da automedicação no Brasil. Revista de Saúde Pública, v. 31, n. 1 p. 71-77, 1997.

CORREA, C. S.; CADORE, E. L.; BARONI, B. M.; SILVA, E. R.; BIJOLDO, J. M.; PINTO, R. S.; KRUEL, L. F. M. Efeito do uso profilático do anti-inflamatório Não-esteróide ibuprofeno sobre o desempenho em uma sessão de treino de força. Revista Brasileira de Medicina do Esporte. v. 19, n. 2, p. 116-119, 2013.

BALBINO, C. A. Anti-inflamatórios: uma compreensão total. Pharmacia Brasileira. v.18, p. 30-44, 2011.

BATLOUNI, M. Anti-inflamatórios não esteróides: Efeitos cardiovasculares, cérebro-vasculares e renais. Arquivos Brasileiros de Cardiologia. v.94, n.4, p.556-563, 2010.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA. Projeto educação e promoção da saúde no contexto escolar: o contributo da Agência Nacional de Vigilância Sanitária para o uso racional de medicamentos. Brasília: Anvisa, 2007.

CHAHADE, W. H.; GIORGI, R. D. N.; SZAJUBOK, J. C. M. Antiinflamatórios não hormonais. Einstein. v. 6, n. 1, p. 166-174, 2008.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA (CFF). Revista Pharmácia Brasileira, Anti inflamatórios: uma compreensão total. n. 81, 2011.

LUZ, T. C. B.; ROZENFELD, S.; LOPES, C. S.; FAERSTEIN, E. Fatores associados ao uso de anti-inflamatórios não esteróides em população de funcionários de uma universidade no Rio de Janeiro: Estudo Pró-Saúde. Revista Brasileira de Epidemiologia, v. 9, n. 4, p. 514-526, 2006.

JACOBOWSKI, B.; et al. Automedicação em universitários. Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica, v. 9, n.6, p.414-17, 2011.

JOSÉ, F. F. O papel dos anti-inflamatórios não hormonais no tratamento da dor musculoesquelética. JBM. v.102, n. 5, p. 24-26, 2014.

LOURENÇO, E. E.; SILVA, M. G. Uso indiscriminado de antiinflamatórios em Goiânia – GO e Bela Vista – GO. Revista Científica do ITPAC. v. 7, n.4, 2014.

MENDONÇA, P. P.; PARTALA, A. K.; SILVA, J. M. Anti-inflamatórios não-esteroides e Suas Propriedades Gerais. Revista Científica do ITPAC, Araguaína, v.7, n.4, 2014.

PINHEIRO, R. M.; WANNMACHER, L. Uso racional de Anti – inflamatórios não esteroides. Uso Racional de Medicamentos: Temas selecionados. Brasília: Editora MS, 2012.

RANG, H. P.; DALE, M. M. Farmacologia 6ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

RODRIGUES, A. M. S.; SILVA, L. A. F. Automedicação entre estudantes de cursos da área de saúde. Revista Brasileira de Farmacologia, v. 95, n. 3, p. 961 – 975, 2014.